

# I<sup>i</sup>

Meu Eu lírico foi introduzido  
A partir do tapa que levei  
Do médico ao nascer?  
Ou depois pelos dedos da  
Enfermeira, a tesoura  
No cordão umbilical, o cheiro  
De sangue naquele quarto  
Em que nada vi?  
Vestiram-me com uma  
Roupa cheirosa e branca,  
Fui levado, cego, a minha mãe.  
Esta senhora muita coisa, imagino,  
Foi escrevendo neste tal de Eu:  
Deu a ele um nome após  
Muita indecisão, talvez  
Este tal de Eu lírico ainda  
Seja indeciso e imprevisito  
Por conta deste impasse inicial.  
O interior deste que aqui  
Escreve nasceu junto com  
O cheiro do hospital, do berço  
E do seio materno?  
Quando abriu os olhos  
Já havia escutado uma  
Porção de coisas ininteligíveis.  
Quando pôde ver deve ter  
Ficado confuso, quem sabe  
Ele ainda acreditava que todas  
As vozes e gritos e cheiros eram seus?!!  
Quem sabe não imaginava que era como um  
Polvo, cheio de tentáculos bambos e incontroláveis?!...  
Meu Eu lírico tomou um susto,  
Provavelmente...

Desde criança disseram a ele  
Que aquele som que saía  
Da boca de seus familiares representava  
O objeto apontado;  
E será que eram a mesma coisa?  
O Eu lírico é algo estranho,  
Dizem que ele está dentro e que o fora  
Também se forma dentro,  
Mas não me lembro quando isso se  
Deu por dentro de mim.  
Sempre quando me lembro de algo  
Me recordo de cheiros,  
Sons, paisagens e sabores (e outras coisas)  
Que estavam fora.  
O que estava fora também não  
Tinha nome, não era objeto nem qualquer outra coisa.  
Era aquilo que eu tropeçava quando  
Tentava caminhar, ou caía em  
Minha cabeça quando iria escalar  
Algum obstáculo. Não eram  
Objetos, eram brinquedos sem nomes.  
Meu Eu demorou aprender que  
Alexandre era Eu, mas me habituei  
À idéia. Embora, às vezes, quando ando  
Na rua e escuto alguém chamar: “Alexandre!#&%\*@”  
Olho sorridente, mas logo o desfaço,  
Percebo que não sou eu este Alexandre chamado,  
Mas um outro.  
Ai ai ai... Qualquer um pode ser Alexandre.  
Mas não Eu! Porque o Eu daquele outro  
Alexandre não deve ter tido meu mundo  
Como acompanhante.  
Mundo, mundo, mundo...  
Agora estou confuso,

Este Eu é um dentro ou um fora???!  
Foi um chip introduzido em minha cabeça  
Ou um chip em minha cabeça se desenvolveu  
Com o mundo que foi tomando sentido?  
E eu sei lá!  
(O Eu, esta palavrinha é esquisita  
E pretensiosa, está sempre ignorando  
O mundo,  
Está sempre separando as coisas!).  
Êta divisão besta!  
Não foi tudo junto?  
Quem se descobre sem mundo?!!  
E alguém se descobre?!!

## II

Se descrevo a estadia  
No sítio de tia Maria  
Para alguém –  
as plantações de café;  
a casa antiga cheia  
de mobílias esquisitas  
pra mim, eu, estrangeiro  
naquela história; os pés  
de jabuticaba que, quando  
pequenos, jogávamos uns  
nos outros, os primos(as);  
os pés de mamona que  
proporcionavam as guerrinhas; o  
campo de futebol; o  
fazimento da pamonha,  
todos os tios, tias,  
primos e primas, a parentada toda,  
todos confeccionando  
a pamonha; o tacho de doce de leite; a torrefação do café

ou ele sendo espalhado no terrero;  
o paiol cheio de milho,  
onde ficava aquele velho moedor;  
o chiqueiro; o canto do galo;  
o queijo sendo feito pelo  
avô; o jogo de escopa com  
tio Antônio, meu pai e Vicente Romão;  
e tantas outras coisas que  
agora esqueço e que tornam  
aquele lugar um mosaico. —,  
não consigo aproximar  
tudo aquilo.

O fogo à lenha não faz o  
Mesmo feijão que descrevo.

O forró com sanfona e  
Colher não tem o mesmo  
Compasso, o mesmo tempo,  
Concebido pelos ouvidos.

O sítio da tia Maria é  
Bom pra se mostrar em  
Fotografia, todos sorrindo.

Ai, o bolo de fubá sendo devorado  
Sem declamar um único poeta.

O leite de vaca tomado com café  
Dispensava a metafísica e o toddy.

Quando olhava o campo, da antiga janela, nem

Me lembrava de que se tratava de

Um campo, via e nem sei

Bem o que fazia.

Aquele lugar não é meu,

Ele é como qualquer outro.

Onde sorri e vomitei,

Como sempre. Às vezes outros

Ânimos, outros gestos.

Mas ali,  
Nem fora nem dentro.

Ali.

---

<sup>i</sup> Alexandre Oliveira. Mestrando em Literatura Portuguesa na USP. Publicou poemas na Revista Eletrônica *Germina Literatura* – [www.germinalliteratura.com.br/2008/alexandre\\_oliveira.htm](http://www.germinalliteratura.com.br/2008/alexandre_oliveira.htm).